

LORD JIM / 1965

Lord Jim

Um filme de **Richard Brooks**

Realização: Richard Brooks/ **Argumento:** Richard Brooks, segundo o romance de Joseph Conrad/ **Fotografia:** Freddie Young/ **Direção Artística:** Geoffrey Drake/ **Montagem:** Alan Osbiston/ **Música:** Bronislau Kaper/ **Intérpretes:** Peter O'Toole (Lord Jim), James Mason (Gentleman Brown), Curd Jurgens (Cornelius), Eli Wallach (o General), Jack Hawkins (Marlow), Paul Lukas (Stein), Daliah Lavi (a rapariga), Akim Tamiroff (Schomberg), Juxo Itami (Waris), Tatsuo Saito (Du-Ramin), Andrew Keir (Brierly), Jack MacGowran (Robinson), Eric Young (Malay), Noel Purcell (Cap. Chester), Walter Gotell (Cap. Do Patna), Rafik Anwar (muçulmano), Marne Maitland (o velho), Newton Blick (o médico), A.J. Brown (magistrado), Christian Marquand (o oficial francês), etc.

Produção: Richard Brooks, para a Columbia Pictures/ **Cópia:** Digital, colorida, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 154 minutos/ **Estreia Mundial:** EUA, 25 de Fevereiro de 1965/ **Estreia em Portugal:** cinemas Tivoli e Roma, 6 de Dezembro de 1965.

Há duas comparações inevitáveis que este filme estabelece. Uma, contemporânea da sua estreia, com **Lawrence of Arábia**, a outra que se pode estabelecer a partir de 1979, com **Apocalypse Now**. Uma terceira pode justificar-se, ainda, com John Huston. Subjacente a tudo isto, encontra-se também o problema da adaptação, a questão da maior ou menor fidelidade ao original. As duas últimas merecem uma reflexão à parte.

Quando se estreou, **Lord Jim** provocou, na sua maioria, uma série de reacções negativas, e um dos mais frequentes críticas fazia-se comparando o filme com **Lawrence of Arabia**, um épico de David Lean, coroa de glória de Peter O'Toole, aqui transformado em mero filme de aventuras, herdeiro das histórias exóticas filmadas nos anos 40, e a que Richard Brooks deixou ligado o seu nome como argumentista (recordemos que alguns dos seus trabalhos nesta categoria levam títulos como **Don Winslow of the Coast Guard**, um *serial* de Lewis D. Collins e Ray Taylor, **White Savage/A Selvagem Branca**, de Arthur Lubin e **Cobra Woman/A Mulher Serpente**, de Robert Siodmak). É evidente que houve da parte da Columbia (estúdio responsável pelos dois filmes) uma vontade de capitalizar o sucesso do anterior através da composição do actor, com uma personagem que, à excepção da primeira parte, apresenta um percurso próximo, com o seu empenho na luta de libertação de um povo subjugado. O ambiente exótico era outro atractivo, assim como o elenco variado. O relativo fracasso comercial terá sido devido, em grande parte, a esta estratégia que levou o público a confundir história e personagens.

A outra comparação que depois se fez, quando apareceu a obra-prima de Francis Coppola, implicava uma crítica negativa a **Lord Jim** no campo da adaptação. Coppola, alterando radicalmente a obra original de Joseph Conrad, "Heart of Darkness", no tempo e no espaço (da África do fim do século XIX para o Vietname de meados do século XX), permaneceria, no fundo (na crítica ao colonialismo britânico) mais fiel ao

pensamento do escritor. Sem pôr em causa esta tese, será bom lembrar que a fidelidade de Brooks ao texto original de Conrad é mais aparente que real, e que as alterações que introduz, em especial nas personagens que ao longo da história Jim vai enfrentar, tendem, antes de mais, a lançar um olhar moderno sobre o colonialismo através de uma história de “simples” aventuras. Serão os limites de Brooks, que os filmes primitivos atrás citados parecem sublinhar, mas é também a lucidez da testemunha do presente, perante os conflitos do seu tempo. Será bom lembrar que, poucos anos antes, Richard Brooks dirigira um poderoso e contundente filme sobre a luta anti-colonialista travada no território que se tornaria o Quênia, em **Something of Value** (que, logicamente, a censura portuguesa do tempo, proibiu).

Entramos pois na questão da maior ou menor fidelidade de um filme em relação à obra literária que adapta, e, neste caso, há uma evidente aproximação entre Richard Brooks e John Huston. A aproximação entre os dois faz-se através de vários caminhos (a forma como ambos abordam os géneros policial e western, é uma das mais interessantes manifestações dessa identidade) mas o interesse de ambos pelos clássicos da literatura, a forma, respeitosa mas não subserviente, em que se manifestam essas abordagens, e o tipo de escritores que lhes interessam, são, talvez, os laços mais fortes que os podem ligar. Tennessee Williams é um dos interesses comuns (**Night of the Iguana**, de Huston, **Cat on a Hot Tin Roof** e **Sweet Bird of Youth**, de Brooks), outros autores americanos (Stephen Crane, Melville, para Huston, Fitzgerald, Capote, para Brooks) e clássicos europeus (Joyce para Huston, Dostoievsky e Conrad para Brooks). Huston e Brooks têm uma aproximação a esses clássicos semelhante, que se traduz numa visão pessoal, traduzida através das suas muitas experiências vividas e respeitando as regras de um sistema de produção especial em que trabalham.

Que alterações sofreu a obra de Conrad nesta adaptação? A dificuldade maior que Brooks enfrentou no seu trabalho de adaptador, terá sido a forma narrativa de Conrad. O escritor conta a aventura através de uma terceira pessoa, Marlowe, que costuma ser o habitual alter ego de Conrad, que, num estilo coloquial vai narrando os acontecimentos, intercalados com reflexões e análises psicológicas de personagens e acontecimentos. Este escolho, que as restantes adaptações de romances do escritor geralmente torneiam, evitam ou esquecem, é aqui mantido, mas apenas durante um certo tempo, aquele em que Marlowe tem presença física (ele é o mestre e capitão que o jovem Jim idolatra, e que nas suas miragens de glória a aventuras, vê-se a salvar de um motim). Marlowe deixa de ter “funções” (no filme) a partir do momento em que começa o processo de degradação de Jim, após o julgamento a que foi sujeito. Também esta sequência resulta de uma “síntese” de quase um terço do livro (espaço que ocupa esta fase da vida de Jim na obra de Conrad), trabalho que valeu a Brooks a acusação de ter feito uma versão “Reader’s Digest” do livro. As mudanças mais sugestivas operadas por Brooks, têm a ver com as personagens de Cornelius e do “General”, “condensação” de outras, de carácter tribal e local, que, na adaptação, surgem como manifestações, e transformações do colonialismo moderno, na sua exploração dos povos da região, surgindo o que poderia ser uma mera revolta local, como uma luta “de libertação” e anti-colonialista. Na generalidade, o que Brooks mudou, representa antes de mais uma “actualização” do conflito cujas raízes Conrad tão bem expôs em tantos dos seus livros.

Manuel Cintra Ferreira